

VANESSA LEN

JAMAIS UM HERÓI

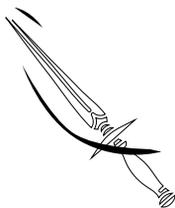
Tradução de **Giovanna Chinellato**


ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2024





UM



— Não ousem diminuir o ritmo! — gritou o técnico.

Um dos meninos havia chegado atrasado, e agora todo o time de futebol estava pagando por isso. Do alambrado, Joan os observou passar tropeçando em ainda mais uma volta. A maioria deles estava sem fôlego, mas, à frente do grupo, o ritmo de Nick era constante, como se ele pudesse continuar por dias.

“*Vá para casa*”, disse Joan a si mesma. Ela havia sido fraca. Andara até ali depois da escola na esperança de ter um vislumbre dele. Bom, agora havia conseguido o que queria, e a sensação era sempre de um soco no estômago. “*Ele não se lembra de você. Ele não te conhece mais.*”

— Muito bem! — gritou o técnico. — Acho que é o suficiente pra vocês.

Houve murmúrios de alívio e os meninos pararam, desequilibrados. Alguns caíram no chão, exaustos. Outros apoiaram as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Ainda alguns passos à frente, Nick reduziu o passo, então se virou para andar de volta até os demais.

Ele olhou distraído para o alambrado. O coração de Joan deu um salto quando os olhos dele passaram por ela, e para além dela, sem exibir interesse ou reconhecimento.

— Nick! — arfou um dos meninos, deitado no chão. — Você precisa acompanhar o time, cara. O capitão não pode ficar pra trás o tempo todo.

Nick riu e foi ajudar o garoto a se levantar.

— Precisa de uma mãozinha, Jameson?

— Preciso de um desfibrilador — resmungou o menino. Mas ele pegou a mão estendida de Nick e se ergueu com esforço.

O ar ficou preso na garganta de Joan ao ver o sorriso despreocupado de Nick. Ele sempre fora tão sério quando ela o conhecia. Ele carregava o mundo nas costas. Ocorreu a Joan que ela também não o conhecia mais — não esse Nick.

Ela sentiu aquela pontada familiar de saudades pelo garoto que não estava mais lá. Suprimiu o sentimento sem piedade. Aquele Nick não existia mais, e ela não deveria desejá-lo de volta. Esse era Nick como ele *deveria* ser. Um menino com uma vida normal.

“*Vá para casa*”, repetiu a si mesma. E, dessa vez, ela ajustou a mochila no ombro e foi embora, dando as costas para o alambrado.

Era meados de novembro e as árvores estavam quase sem folhas. O frio passava pela calça de Joan enquanto ela andava pelo colégio vazio. Depois do horário de aula, o lugar todo tinha um ar de abandono. O estacionamento dos professores era pura desolação — só concreto e algumas ervas daninhas aqui e ali. Joan o atravessou, passou pela biblioteca e desceu para o campo dos fundos.

O celular dela vibrou: uma mensagem do pai.

Está chegando? Fiz tortinhas de abacaxi.

Uma foto apareceu. Eram docinhos de massa folheada esfriando em um suporte.

Parecem profissionais, hein?!

Ultimamente, ele perguntava o tempo todo como ela estava; sabia que havia algo errado. “*Você parece tão quieta*”, dissera na noite anterior. “*Está tudo bem na escola? E com os seus amigos?*”

Às vezes, Joan só queria poder contar a verdade.

“*A minha avó morreu, pai. Todos morreram. Minha avó, tia Ada, tio Gus e Bertie.*”

Mas ela não podia dizer isso, porque eles *não* haviam morrido. Só Joan se lembrava daquela noite. Só ela se lembrava dos últimos momentos desesperados da avó e o calor grudento de seu sangue; o cheiro metálico. Joan havia feito pressão no ferimento, tentando manter o corpo da avó unido, e a respiração dela falhara, cada vez mais espaçada, até parar de vez.

Joan inspirou, deixando o ar frio encher os pulmões. Nada daquilo havia acontecido, lembrou a si mesma. Sua avó e o resto dos Hunt estavam em Londres, só a uma hora de trem dali. Eles estavam *bem*.

Ela respondeu à mensagem do pai.

Parecem ótimos! Chego logo.

Então enfiou as mãos nos bolsos. Estava esfriando. Acima, o céu estava carregado de nuvens cada vez mais escuras. Havia uma tempestade a caminho.

Ela batalhou contra o vento ao cruzar o campo. O cabelo chicoteava ao redor do seu rosto e sua jaqueta azul inflava como um balão. Não deveria ter ficado até mais tarde por aquele vislumbre Nick. Vê-lo, mas não ser vista, a havia levado de volta ao choque de estar em um mundo sem ele. Não havia lugar ou momento no tempo para o qual pudesse ir para encontrá-lo. Ele não existia mais.

Um relâmpago brilhou e o ar esfriou. Joan andou mais depressa, contando os segundos sem pensar. “*Mil e um, mil e dois, mil e três...*”. O trovão soou ao chegar no cinco. A tempestade caíria dentro de, talvez, 15 minutos. Ela chacoalhou os ombros para tirar a jaqueta e enfiou-a na bolsa. Não se importava com a chuva, mas aquela era a única jaqueta da escola que tinha, e ela não queria vesti-la encharcada no dia seguinte.

Joan estava perto do portão quando veio o brilho do relâmpago seguinte. “*Mil e um, mil e dois...*”

Uma voz familiar soou atrás dela, assustando-a.

— Com licença, eu estou com... — O restante da frase foi engolido pelo trovão. O coração de Joan soou ainda mais alto em seus ouvidos. *Nick*.

Não era ele, disse a si mesma. Joan só estava ouvindo o que queria ouvir.

Mas quando se virou, era *mesmo* Nick, sozinho no campo com ela, o passo leve e suave, tão familiar quanto a voz. Seu cabelo escuro estava cortado diferente agora, jogado sobre as sobrancelhas, mas os olhos continuavam iguais a como sempre foram: tão sinceros e honestos quanto os de um herói à moda antiga, do tipo que resgatava gatos de árvores e pessoas de prédios em chamas.

Por um momento, Joan quase conseguiu imaginar que era realmente ele, o *seu* Nick, com todas as memórias intactas, vindo atrás dela porque havia se lembrado de quem ela era. Seus sentimentos eram um emaranhado de agitação, medo e uma esperança horrível.

Nick parou a pouco mais de um braço de distância. Joan não havia ficado tão perto assim dele desde a noite na biblioteca em que haviam se beijado. Naquela noite, a existência do outro Nick chegara ao fim. Não, corrigiu a si mesma. Naquela noite, *ela*

havia colocado um fim nele. Havia escolhido a própria família em vez dele. Monstros em vez do herói.

Algo em seu rosto fez Nick mudar a expressão, arrependido.

— Desculpa, eu não quis te assustar. — Ele ergueu o celular dela. — Vi você derubar isso lá atrás.

Joan olhou atenta para o rosto dele. Agora que estava mais perto, não havia como enganar a si mesma. Ele estava olhando direto para ela e não havia reconhecimento algum em seus olhos. Esta versão dele tinha até uma postura diferente. O outro Nick andava com uma certa tensão perigosa: a consciência de que talvez precisasse lutar e matar. A guarda deste Nick era aberta e destreinada. Joan deveria se sentir aliviada, ela sabia, mas foi atingida por um sofrimento tão doloroso quanto uma ferida física.

Ela aceitou o celular de volta, tentando não sentir nada quando os dedos deles se tocaram.

— Obrigada — ela se ouviu dizer.

Nick sorriu, de maneira leve e tão familiar que Joan mal conseguir suportar.

— Vivo perdendo o meu — contou ele.

— Sério? — perguntou Joan, surpresa. Ele sempre fora tão cuidadoso com pequenos detalhes. Ela não se lembrava de ele perder nada.

— Bom... — O sorriso de Nick ficou cálido e mais relaxado do que Joan jamais havia visto. — Na verdade, meus irmãos mais novos vivem roubando o meu.

— Irmãos? — repetiu Joan. Ela escutou o espanto na própria voz. Os irmãos dele estavam vivos. Joan sabia, mas escutá-lo dizer aquilo soava como um milagre de alguma forma. O Nick que conhecera havia sido torturado repetidamente, e a família toda fora morta na frente dele. Joan havia visto as gravações. Ela nunca se esqueceria delas, de nem um segundo. Todos aqueles corpos no chão da cozinha.

— Irmãos e irmãs — disse Nick, ainda sorrindo. — Somos em seis, acredite se quiser.

E Joan escutou um eco daquele outro Nick contando-lhe, com algo de sombrio nos olhos: *“Três irmãos e duas irmãs. Eu e os outros meninos dormimos na sala de TV até meus 7 anos.”*

— Família grande — comentou Joan. Eles haviam tido essa conversa antes, sozinhos em uma casa em Londres, aninhados um ao outro conforme a noite caía.

Um relâmpago iluminou o campo. Joan caiu em si e ficou horrorizada ao perceber que estivera prestes a falar sobre si mesma também. *“Eu sou filha única, mas passo muito tempo com parentes na casa da minha avó.”* O que estava pensando? Passara um minuto sozinha com ele e havia se deixado levar.

Joan se forçou a voltar a andar e sentiu uma alfinetada de inquietação quando Nick a alcançou com tranquilidade. Era confortável demais, como vestir um sapato laceado de outra vida.

— Eu acho que já vi você por aqui — falou Nick, e Joan olhou para ele, surpresa.
— Você está um ano atrás do meu, não está?

— Isso — Joan conseguiu responder, tentando ignorar a sensação calorosa que lhe percorreu o corpo. Ele a havia notado. Ela achava... Bom, não importava o que ela achava. Não poderia existir nada entre eles, não dessa vez, nem da outra vez. Nem nunca.

Nick abaixou a cabeça, envergonhado.

— Ainda sou novo nesta escola.

Dessa vez, Joan não confiou na própria voz. Jamais se esqueceria do primeiro dia de volta às aulas depois daquele verão terrível, quando seu corpo continuava lhe dizendo que estava fugindo de algo. Ela dava um pulo toda vez que alguém aumentava a voz, toda vez que alguém batia a porta de um armário. Sentar-se naquelas salas de aulas abafadas e pequenas, com saídas únicas, beirava o insuportável.

Naquele primeiro dia, ela estava andando pelo corredor da escola com sua amiga Margie.

“Minha nossa”, dissera Margie. “Você já viu o aluno novo?”

“Aluno novo?”, perguntara Joan.

“Tão gato”, respondera Margie. “E não é gato normal. É gato nível galã de Hollywood.”

Então elas haviam cruzado o corredor e lá estava ele. Nick. Vestindo o uniforme da escola. Alto, com o rosto quadrado e perfeito. E Joan não soubera então se queria correr até ele ou na direção contrária.

Agora, alguns meses mais tarde, em novembro, ele já era infinitamente mais popular do que Joan jamais fora. Nick Ward, o novo capitão do time de futebol. O cara mais gato da escola. O cara mais esperto da escola. A maioria dos alunos do ano de Joan tinha uma queda por ele.

— Você mora muito longe? — perguntou Nick. Joan balançou a cabeça. Estava a alguns quarteirões de casa. Ele sorriu então, o sorriso que fazia fraquejar os joelhos de metade da escola. — Eu moro ali. — Ele apontou para uma das casas do outro lado da rua.

“Ah.” Era isso então. *“Lembre-se disso”,* disse Joan a si mesma. Porque não haveria outras conversas como essa. Não podia deixar isso acontecer de novo.

O cabelo escuro de Nick estava caindo sobre os olhos. Havia uma folha grudada em sua gola, uma folha vermelha de tramazeira, a última da estação. Joan se deixou divagar só mais uma última vez. *“Nick, não se lembra de quem você é?”*

— Tem uma folha... — Ela apontou para o próprio pescoço.

— Ah, não, sério? — Ele riu, e seu pescoço ficou todo vermelho. — Não é muito elegante. — Ele espanou a gola com os dedos. — Saiu?

Ainda estava lá, enganchada no ombro da camisa verde e cinza de futebol. Joan balançou a cabeça.

— Posso? — Ela tentou não notar o quanto a vermelhidão aumentou na pele dele. Nick assentiu.

Joan esticou o braço. Sua própria respiração falhou e ela podia ver que ele havia percebido. Os olhos dele ficaram sérios. Ela quase esperava que ele fosse impedi-la, pegar o pulso dela. Mas Nick não se mexeu, nem quando ela tocou a parte de trás de seu pescoço com os nós dos dedos, sentindo os cabelos macios de sua nuca.

— Saiu agora? — perguntou ele, com uma voz mais profunda, como logo antes de beijá-la.

Joan se forçou a sorrir de volta para ele.

— Saiu — respondeu. Ela apanhou a folha e afastou a mão, tomando muito cuidado para não retirar nenhuma vida dele. — Não tem mais nada.

Não tinha mais Nick. Ele realmente não existia mais. Joan sentiu um vazio repentino. E solidão. Ela era a única que se lembrava como ele costumava ser. Um garoto que podia entrar desarmado em uma sala cheia de monstros e fazê-los fugir de medo. Um garoto que protegia humanos dos predadores que viviam entre eles. Nem mesmo o próprio Nick se lembrava disso.

Ele nem sequer sabia que monstros existiam.

Ainda havia uma nuance de vermelho nas bochechas de Nick. Joan disse a si mesma que era por causa do frio.

— A gente se vê por aí? — sugeriu ele.

Joan foi salva de precisar responder por gritinhos vindos da casa. Duas crianças correram para cruzar a rua saltitando, dois Nicks em miniatura, um menino e uma menina de uns 6 anos de idade. Tinham o mesmo cabelo e olhos escuros que ele. O menino usava óculos com uma armação preta que o fazia parecer um professorzinho.

Nick pulou para encontrá-los, encurralando-os na calçada:

— Ei, ei! O que a gente faz quando atravessa a rua? A gente espera, certo? Espera e olha para os dois lados! — Ele os abraçou apertado, um braço ao redor de cada um.

Outra menina veio apressada atrás das crianças. Era mais velha que Nick. Talvez tivesse 19 anos.

— Cuidado! — falou para eles, fazendo igual a Nick. — Tenham cuidado!

Ela tinha os cabelos de um castanho mais claro que os outros três, e seu sotaque do norte era mais acentuado que o de Nick.

— Estamos ajudando a Mary a fazer frango! — anunciou o menino.

— Robbie derrubou o frango! — exclamou a menina. — No chão!

O menino franziu a testa para ela, por trás dos óculos cobertos de gotas de chuva.

— Não era para você contar! — reclamou. Ele se virou para a garota mais velha.

— *Ela* lambeu a pele! A pele crua!

Mary suspirou.

— Vamos. De mãos dadas desta vez. — Ela esticou a própria mão. Inesperadamente, lançou um sorriso torto para Joan e disse: — Oi! Desculpa atrapalhar a conversa de vocês.

— Oi. — Joan se forçou a sorrir de volta.

Mary voltou a prestar atenção nas crianças, chamando-as, e os olhos de Joan notaram seu anel. Era todo preto, simples, sem brilho. Joan já o havia visto antes. Nick costumava usá-lo em uma corrente, enfiado debaixo da blusa. Joan não sabia que havia pertencido à irmã dele.

— Vejo você na escola? — disse Nick. Estava de mãos dadas com o menino.

Joan assentiu. Mary. Robbie. A menininha devia ser Alice. Nick havia falado um pouco sobre eles. Joan não sabia à época, mas ele estava sofrendo pela perda dos irmãos desde que se conheciam.

A cozinha dos vídeos apareceu em sua mente de novo. Os três, Mary, Robbie e Alice, caídos imóveis e mortos. E Nick... O coração de Joan se apertou com a forma como ele sorria para os pequenos agora. Ele havia cravado uma faca no pescoço do assassino dos irmãos, com o rosto contorcido de angústia e horror. Joan jamais esqueceria do som que ele fez.

Ela não teve como manter o sorriso.

— A gente se vê — conseguiu dizer. Então se virou depressa.

Ela subiu a rua íngreme da lateral da colina, esforçando-se até a exaustão física superar o aperto em seu peito. Lufadas de vento erguiam galhos e folhas. Gotas pesadas de chuva começaram a cair. O vento carregou partes de uma conversa colina acima.

— ... aquela menina bonita? — Era a irmã mais velha de Nick, o tom provocador e carinhoso.

— *Mary!* — disse Nick, soando tanto como um irmão mais novo envergonhado que Joan quase se pegou sorrindo de verdade.

Houve risadas altas e gritinhos das crianças, mas logo Joan estava longe demais para escutar qualquer coisa. Em segurança, fora do campo de visão deles, ela fechou os olhos com força.

Inspirou fundo e soltou o ar devagar. Estava tudo bem, disse a si mesma. Não devia ter conversado com ele, mas não aconteceria de novo. Ela se certificaria disso. E o

que estava sentindo agora... Ela conseguiria lidar com isso. A chuva pesada atingiu seu rosto feito lágrimas. Ela conseguiria lidar. Estava lidando.

Estava aqui, de volta no mundo real. Nada de matadores de monstros. Nada de monstros. Apenas a vida normal em casa. E era assim que seria dali para frente.



— Cheguei! — gritou ela para o pai. Foi atingida pelo calor e cheiro doce das tortinhas: manteiga, geleia de abacaxi e gengibre.

— Oi! — gritou o pai da cozinha.

Enquanto Joan chutava os sapatos para fora do pé, ele apareceu com um prato de tortinhas de abacaxi.

— Já comi cinco! — anunciou. Então ele a viu e franziu a testa. — Cadê a sua jaqueta?

Joan empurrou os sapatos para dentro da sapateira com a lateral do pé e pegou uma tortinha do prato.

— Não queria que pegasse chuva. — Ela mordeu o doce, colocando uma mão em concha embaixo para pegar migalhas esfareladas enquanto seguia o pai até a cozinha.

— Ela é feita para pegar chuva. Para proteger você.

— Isso está muito bom — falou Joan com a boca cheia. — Minha nossa! Quantas você fez? — acrescentou ao ver a cozinha. Havia dúzias de tortinhas esfriando em suportes, no fogão, no balcão, em cima da geladeira.

— Você pode dar algumas para os seus amigos! — comentou o pai. — E vamos levar algumas amanhã!

— Amanhã? — perguntou Joan. — O que vai acontecer... — Ela parou. Havia uma nota adesiva no balcão da cozinha, com a caligrafia do pai. *Jantar de família nos Hunt às 18h*. A geleia ficou amarga no fundo de sua garganta. — O que é isso?

— Hã? Ah. Sua avó ligou à tarde.

— Ligou?

— Ela convidou a gente para jantar lá amanhã. — O pai vasculhou a gaveta. — Em Londres, com toda a família Hunt.

Joan sentiu o estômago se revirar. Ela não falava com os Hunt desde que voltara para casa. Sua prima Ruth havia enviado mensagem algumas vezes.

Ei, se você quiser falar sobre toda essa coisa de “ser um monstro”, podemos conversar.

Mesmo se não quiser, a gente deveria. Você pode achar que dá pra evitar tudo, mas não dá.

Joan havia prometido a si mesma que responderia, mas semanas e agora meses haviam se passado, e as mensagens de Ruth continuavam sem resposta.

— Tive a impressão de que a sua avó queria conversar com você sobre alguma coisa — acrescentou o pai.

— Que coisa? — indagou Joan.

— Ah, você conhece a sua avó — disse o pai, soando distraído. — Ela não gosta de falar muito no telefone. *Achei* vocês! — Ele puxou um par de luvas de forno pretas da gaveta.

Joan se pegou lembrando de uma cozinha diferente... a da avó, em Londres, com chocolate quente borbulhando no fogão. Havia tido um encontro estranho com o vizinho da avó. Ele a empurrara contra uma parede certa manhã e então, de súbito, era noite.

Joan havia corrido de volta para a casa da avó, apavorada. *“Ele fez alguma coisa comigo.”*

Os olhos da avó brilhavam com a luz fraca da cozinha. *“Ele não fez alguma coisa com você”*, dissera. *“Você é que fez com ele.”* Ela se aproximara. *“Você é um monstro, Joan.”*

Alguns meses antes, Joan havia descoberto o que o restante dos Hunt sempre soube. Sua família por parte de mãe era formada por monstros: monstros *de verdade*. Eles roubavam vida de humanos e a usavam para viajar no tempo.

Agora, na própria cozinha de Joan, havia algo se remexendo como que soprado por uma brisa, embora nada no cômodo se movesse. O pai não reagiu. Ela havia sentido com sua percepção de monstro. A onda passou de novo, reverberando pelo mundo sem de fato perturbar nada.

Às vezes, a linha do tempo parecia algo vivo, uma criatura com vontade própria. Nessa noite, Joan a sentiu feito uma força da natureza, como se a própria tempestade houvesse entrado na casa.

Seu pai fechou a porta do forno com o cotovelo.

— Então, amanhã à noite?

“Você pode achar que dá pra evitar tudo, mas não dá.” Joan cruzou os braços.

— Não sei... Eu trabalho amanhã.

— Você não sai às quatro?

— Tenho que escrever uma redação.

— Não pode fazer isso no domingo? É que sua avó me lembrou que... — Ele hesitou. — Amanhã é o aniversário de quinze anos da morte da sua mãe. Acho que sua avó quer passar um tempo com você. — Ele abaixou os olhos para as luvas de forno.

— *Eu* deveria ter me lembrado de que era um dia especial. Acho que eu e você sempre celebramos o aniversário de nascença dela em vez disso.

Uma conhecida pressão emocional a tomou. Joan se forçou a engoli-la. Não esperava que o pai dissesse aquilo. Ele falava da mãe dela o tempo todo, mas a avó *nunca* o fazia.

— Tudo bem por você? — perguntou ele. Quando ela não respondeu imediatamente, ele repetiu, mais suave: — Joan, *ocê* está bem?

Ele estava fazendo essa pergunta de várias maneiras diferentes havia semanas. “*Você parece tão quieta ultimamente. Está acontecendo alguma coisa? Você brigou com os seus amigos?*”

Mentalmente, Joan tentou falar a verdade.

“*Eu descobri que sou um monstro, pai. O lado Hunt da família... são todos monstros.*”

Ou outra verdade.

“*O garoto que eu amava era um matador de monstros. Ele matou a minha avó e o resto da família. Mas eu o desfiz. Voltei a vida dele no tempo. E agora os Hunt estão vivos de novo. Mas eles não se lembram.*”

“*Ele não se lembra de mim.*”

A dor vazia da realidade a atingiu de novo. Não podia contar nada disso ao pai. Ele não acreditaria. Ela *não queria* que acreditasse. Queria que ele ficasse em segurança, em casa, longe do mundo dos monstros.

— Estou bem — respondeu, tentando fazer soar real. — Só... você sabe, coisas acontecem.

O pai examinou seu rosto.

— Que coisas?

— Coisas comuns. — Joan precisava controlar a emoção na voz. — Nada demais. Todo mundo está estressado com a escola este ano... *Você sabe* disso.

— Joan...

— Não precisa ficar perguntando, pai. Eu estou bem. Mesmo! — As palavras saíram carregadas de frustração. Joan apertou os lábios com força. Não queria brigar por causa disso. Não queria contar ao pai mais mentiras do que já havia contado.

No silêncio, o vento fez as janelas tremerem. O suspiro do pai foi quase inaudível.

Joan olhou além do arco aberto da cozinha, para as fotos na parede da sala. Ela e o pai. Ela bebê. A mãe. Os três juntos em um parque, a mãe e o pai segurando as mãos dela. Quando era criança, passava horas olhando para aquelas fotos, tentando ver as próprias feições no rosto da mãe. Joan sempre se parecera mais com o pai. Mais chinesa do que europeia.

— Você me lembra tanto ela — comentou o pai. Ele havia acompanhado seu olhar.
— Cada vez mais. Ela teria muito orgulho de você.

Aquela pressão emocional voltou. Havia coisas sobre a mãe nas quais Joan *realmente* não queria pensar. Ela morrera quando Joan era bebê. Sua morte sempre fora um fato, um que Joan aprendera antes de qualquer outra coisa, antes de aprender a contar ou a ler. Um fato imutável. Um fato fundamental de sua vida.

— Minha avó nunca fala dela. — Joan forçou as palavras para fora. — Tipo, nunca. Não acha que isso é estranho?

Seu pai estava em silêncio, os olhos ainda focados nas fotos.

— Eu também não entendi isso por um bom tempo — disse. — Mas... sua avó e sua mãe nem sempre se deram bem. Elas brigaram pouco antes de a sua mãe morrer. Acho que sua avó se sentiu culpada por causa disso. Acho que se culpou pela morte da filha, de alguma maneira estranha.

Ele tirou as luvas. A mãe de Joan devia ter comprado aquelas. Todas as coisas escuras da casa haviam sido dela; o pai preferia cores vibrantes.

— Acho que esse jantar é um grande passo para a sua avó. — Atrás dos óculos, os olhos do pai estavam marejados.

Ele queria ir àquele jantar, Joan percebeu. Ele queria ver os Hunts no dia seguinte. Ele queria se lembrar da esposa com a família dela naquele aniversário.

Joan respirou fundo.

— Vamos juntos? — perguntou ela. O pai estaria lá, lembrou a si mesma. Os Hunt não poderiam falar sobre coisas de monstro na frente dele.

— Mas é *claro*. É um jantar em família.

— Um jantar em família — repetiu Joan. Não um jantar com monstros, mas um com o pai e a família da mãe. — Certo. Um jantar em família.

Quando acabasse, Joan e o pai voltariam para casa, para suas vidas normais. Não era como se ela fosse ser puxada de volta para o mundo monstro.



DOIS



Era uma manhã quente, mas o caminho para a Holland House estava fresco sob as sombras oscilantes das árvores. Joan já conseguia ouvir os sons do jardim: crianças rindo, pavões grasnando, as vozes fortes dos guias do passeio.

Ela chegou ao exuberante gramado. Não era sequer meio-dia, mas o lugar já estava lotado. Parecia que todos haviam tido a mesma ideia: aproveitar o tempo ensolarado no parque. Guias fantasiados lideravam grupos de turistas pelo labirinto. As crianças espirravam água nas margens rasas do pequeno lago.

Para além delas, vidros cintilantes refletiam o sol da manhã. A Holland House era sempre bonita, mas aquela era a melhor hora do dia. A fachada de tijolinhos brilhava.

Joan foi atingida do nada por uma pontada de nostalgia. A casa não era mais assim, ela se lembrou de súbito.

Havia *queimado*.

Ela acordou com um sobressalto.

A luz passava pelos vãos na cortina de seu quarto. Lá fora, ainda chovia forte, um rugido implacável. Joan tentou acalmar a respiração. A dor da perda a atingiu de novo. Em sua memória, a Holland House havia sido uma das atrações turísticas mais populares de Londres; as pessoas vinham de todo o mundo para visitá-la.

Nesta linha do tempo, estava em ruínas. As pessoas sequer lembravam seu nome.

Joan esfregou os olhos. O sonho havia sido tão vívido que a chuva da manhã parecia surreal. Ela olhou para o relógio. Ainda muito cedo. Tinha a vaga sensação de que algo difícil aconteceria mais tarde. Uma prova de matemática? Não, era sábado.

— Você não? — Joan estava surpresa. Margie era tão organizada que controlava a agenda do grupo de amigas. Se Joan queria saber quando Chris estava livre, perguntava para Margie, não Chris.

— Eu não consigo nem olhar para aquilo! Lembra como a Sra. Shah era gentil ano passado? O que será que está acontecendo? Ela é a *pior de todos* agora.

Joan parou, a bandeja cheia na mão, sem saber se havia escutado direito.

— Ela era gentil ano *passado*?

— Acho que ela prefere ensinar história a inglês.

— A Sra. Shah ensinava história pra gente ano passado?

Margie a olhou com uma expressão estranha.

— Por que você tá falando como se fosse uma pergunta?

Era um daqueles momentos desconcertantes em que a memória de Joan não se encaixava com a das outras pessoas. No ano passado, seu professor de história fora o Sr. Larch, um homem baixinho com uma risada explosiva que ressoava de todo o peito.

Joan foi à cozinha colocar a louça na máquina. Era uma lavadora industrial imensa que Margie chamava de RoboCop porque a parte de cima tinha um visor fino e a metade de baixo se abria como uma boca. Quando ela fechou o RoboCop de novo, havia uma marca escura na lateral de sua porta prateada, do tamanho e formato do polegar de Joan. Ela a esfregou com afinco e ficou surpresa ao descobrir que estava cravada feito a marca de algo queimado.

Sua mente, entretanto, estava pensando no Sr. Larch. Quando ela o vira pela última vez? Ele costumava ficar perto do portão, uniformizado, para gritar com as pessoas que vestiam tênis ou as meias erradas. Mas ele não aparecia lá havia meses.

— Ei, por onde anda o Sr. Larch ultimamente? — gritou para Margie por cima do ombro. — De férias ou algo do tipo?

— Quem? — gritou Margie de volta.

— O Sr. Larch da escola — explicou Joan, mas, quando voltou para a frente, Margie parecia confusa.

— Quem é Sr. Larch?

Margie costumava imitá-lo o tempo todo.

— Você *sabe* — disse Joan. — Óculos grandes. Vivia importunando a gente por causa do uniforme. — Ela tentou copiar a atitude dele: — *De que cor são esses sapatos, Margie Channing?!*

— Quem *você* está importunando? — retrucou Margie, sorrindo em parte por diversão, em parte por confusão. — Tem um Jardim de Leitura Sr. Larch atrás da biblioteca. É disso que você está falando?